

A ORALIDADE E A PERPETUAÇÃO DE RITOS FÚNEBRES: AS EXCELÊNCIAS DE DEFUNTO

Ana Maria de Amorim **VIANA**¹, Rana Assíria **AMORIM**², Thiang Rodrigues Fong Nien **NETO**³

¹Doutoranda em Letras DINTER UERN/IFSERTAO. Docente do IF Sertão. *Autor correspondente. E-mail: ana.viana@ifsertao-pe.edu.br

²Graduanda em Engenharia Civil (UNIVASF). assiriarana@gmail.com

³Bacharel em Ciências da Computação. E-mail: tchiang.fong@ifsertao-pe.edu.br

Recebido: 19.03.2022 Aceito: 26.04.2022

RESUMO: Ritos fúnebres são cerimônias que existem em diversas culturas e nas mais distintas épocas, enterrar os mortos é um traço distintivo ligado à humanização do ser. O artigo de pesquisa "A oralidade e a perpetuação de ritos fúnebres: as excelências de defunto" tem como objetivo identificar como as rezadeiras ligadas ao catolicismo encaminham os ritos fúnebres no Distrito de Rajada, interior do município de Petrolina, identificando se há sistematização e presença do cântico de excelências. Os dados e informações foram adquiridos por meio de entrevistas semiestruturadas e entrevistas/narrativas de acordo com a técnica da História Oral. A pesquisa revelou a existência de 14 excelências nessa região.

Palavras-chave: Rezadeiras, Canto fúnebre, Distrito de Rajada

ORALITY AND THE PERPETUATION OF FUNERAL RITES: THE EXCELLENCES OF THE DECEASED

ABSTRACT: Funeral rites are ceremonies that exist in different cultures and at different times, burying the dead is a characteristic of the humanization process. The research article "Orality and the perpetuation of funeral rites: the excellences of the deceased" aims to identify how people who pray linked to Catholicism direct funeral rites in the District of Rajada, in the interior of the municipality of Petrolina, identifying if there is systematization and presence of the song of excellence. Data and information were acquired through semi-structured interviews and interviews/narratives according to the Oral History technique. The research revealed the existence of 14 excellences in this region.

Keywords: Prayers, Excellencies of the deceased, Rajada's District

LA ORALIDAD Y LA PERPETUACIÓN DE LOS RITOS FUNERARIOS: - LAS EXCELENCIAS DEL DIFUNTO

RESUMEN: Los ritos funerarios son ceremonias que existen en diferentes culturas y en diferentes épocas, enterrar a los muertos es una característica del proceso de humanización. El artículo de investigación “La oralidad y la perpetuación de los ritos funerarios: las excelencias de los difuntos” tiene como objetivo identificar cómo las personas que rezan vinculadas al catolicismo dirigen los ritos funerarios en el Distrito de Rajada, en el interior del municipio de Petrolina, identificando si existe sistematización y presencia del canto de excelencia. Los datos y la información fueron adquiridos a través de entrevistas semiestructuradas y entrevistas/narrativas según la técnica de Historia Oral. La investigación reveló la existencia de 14 excelencias en esta región.

Palabras clave: rezadoras, canto fúnebre, Distrito de Rajada

INTRODUÇÃO

Cada sociedade cria ou reproduz seus ritos de morte, geralmente espelhados nas crenças religiosas, nas etnias e nos costumes de uma forma geral, é difícil, portanto, identificar especificamente como se origina uma tradição. Muitos rituais estão ligados à Igreja Católica por uma histórica supremacia no Ocidente. Decorrentes disso, há muitas práticas que estão relacionadas ao catolicismo, mas realizadas de uma forma leiga, dentro do chamado catolicismo popular.

O presente artigo traz dados referentes a uma pesquisa PIBIC Jr, realizada no ano de 2019, no Distrito de Rajada-Petrolina, que teve como objetivos específicos identificar se há uma sistematização nos encaminhamentos dos ritos fúnebres de vertente católica, quais cânticos são excelências, de que forma as pessoas entrevistadas aprenderam, se há perspectiva de continuidade pelas gerações mais jovens, e identificar que aspectos podem ter favorecido à perpetuação das excelências como gênero discursivo oral.

Cantar as excelências é uma tradição antiga, elas são oriundas da idade média e foram introduzidas no Brasil pelos portugueses durante o período colonial. “No catolicismo popular brasileiro, as “incelências” são também chamadas de: Excelências, Encelenças, Incelências, Insalências, ixelenças, exelença. As “incelências” são um tipo de canto fúnebre de matriz popular, vastamente difundido no interior do Brasil e entoado junto aos moribundos e defuntos.” (Santana, 2011).

Observa-se que na sede de Petrolina já não há esses cânticos e que no interior, provavelmente, por seu caráter mais conservador, ainda se preserva mesmo que timidamente. Com o passar do tempo, algumas tradições vão se perdendo e, nesse caso específico, a excelência, tende a desaparecer caso essa prática não passe de geração a geração.

Vale salientar que não se pretende lançar juízo de valor sobre a importância dos ritos fúnebres em seu aspecto religioso, no entanto, há a necessidade de que se enquadre no contexto

do catolicismo português. O presente trabalho de pesquisa se justifica por ter como intenção devolutiva à comunidade o registro de um aspecto linguístico-cultural de algo que faz parte da cultura sertaneja, o qual revela, dentre outras coisas, a forte religiosidade de seu povo e a conexão com um passado muito remoto.

REFERENCIAL TEÓRICO

Excelência é um canto entoado à cabeceira dos moribundos ou dos mortos, cerimonial de velório, ainda existente na Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco e, possivelmente noutros Estados. Cantam sem acompanhamento instrumental, em uníssono, em série de doze versos ritualmente. (Cascudo, 2000, p. 315)

Na literatura, muitos autores fazem referência à religiosidade do povo nordestino, Cunha (1984) em “Os Sertões”; Suassuna (1998) em “A pena e a lei”; e Melo Neto (1955) que, em seu poema *Morte e Vida Severina*, retrata um velório em que estão cantando excelências. Em outra passagem do texto, o autor cria um diálogo em que uma rezadeira pergunta ao retirante se ele sabe rezar benditos e cantar excelências, ele responde que não. Essa passagem serve para reafirmar, via registro da literatura, que algumas pessoas sabem mais sobre a atividade de encaminhar as rezas dos ritos fúnebres que outras, por isso passam a ser referência na comunidade.

Na música, os artistas Elomar Figueira Melo, Antônio Nóbrega e Nara Leão tem em seu repertório a alusão aos cantos fúnebres populares. O compositor Dorival Caymmi (1957) eternizou essa prática nordestina, ele gravou uma excelência muito popular intitulando-a de Velório.

Para o entendimento de como ocorre o processo de fixação via oralidade, Ong (1998) defende que a repetição oral se dá por meio de padrões mnemônicos, a memorização é auxiliada pelo ritmo, repetições, antíteses, aliteraões, assonâncias, expressões epítéticas ou outras expressões formulares em conjuntos temáticos padronizados em provérbios. É ouvindo, assimilando e repetindo o que ouvem, que os participantes de culturas orais apreendem o domínio das fórmulas padronizadas do discurso poético e se tornam aptos a reproduzi-las, e até recombina-las no reconto.

Os gêneros orais podem ou não estarem influenciados pela escrita. Aqueles que não estão tem padrões que auxiliam à memorização, ao passo que os gêneros escritos não têm essa forma de realização. As excelências podem estar enquadradas nesse primeiro formato. Para Travaglia (2013, p. 4) gênero oral é aquele que tem como suporte a voz humana [...] e que foi produzido para ser realizado oralmente, utilizando-se a voz humana, independentemente de ter ou não uma versão escrita.” Embora a definição de Travaglia seja ampla, abrangendo como gênero oral inclusive o que primariamente possa ter sido feito na modalidade escrita da língua, a exemplo do discurso político e do sermão, os gêneros orais que não são escritos têm uma relação distinta com a memória,

principalmente, aqueles que vão passando de geração em geração. O fato de não terem ancoragem na escrita demanda estratégia diferenciada.

A pesquisa se apoia nos conceitos de Halbwachs (2006) sobre memória, na perspectiva de que a memória particular, não é tão particular quanto se poderia pensar, e está, de alguma forma, apoiada na memória coletiva, portanto, reflete essa memória coletiva e o pensamento de uma sociedade. O trecho a seguir aponta a forma de interligação dessas duas memórias.

Se essas duas memórias se interpenetram com frequência, especialmente a memória individual, para confirmar algumas de suas lembranças, para torná-las mais exatas, e até mesmo para preencher alguma de suas lacunas, pode se apoiar na memória coletiva, nela se deslocar e se confundir com ela em alguns momentos, nem por isso deixará de seguir seu próprio caminho, e toda essa contribuição de fora é assimilada e progressivamente incorporada à sua substância. Por outro lado, a memória coletiva contém as memórias individuais, mas não se confundem com elas. (Halbwachs, 2006, p. 71-72)

Na memória individual de cada entrevistado há o registro de uma memória coletiva, nesse caso ligada à religião católica, aos ritos fúnebres e a um passado que difere de novas relações que tendem a se estabelecer, a exemplo da existência de empresas especializadas em plano assistencial funeral que se responsabilizam pelos procedimentos necessários para os momentos pós-morte, antes a cargo da família e comunidade. Mesmo essas empresas tendo alcançado o interior da cidade de Petrolina, observa-se que as práticas referentes aos ritos fúnebres são mais conservadoras na zona rural que na sede do Município, por isso ainda resistem. Essa resistência não ocorre de maneira individual, mas como resultante de um processo coletivo.

METODOLOGIA

Utilizou-se nessa pesquisa a História Oral, pois essa técnica possibilita compreender subjetividades e as representações pretéritas, a partir das situações vividas e as compreensões sobre o passado (Alberti, 2004). A opção metodológica pela História Oral foi no intuito de compreender como as rezadeiras encaminham o rito fúnebre, qual a percepção delas sobre a importância dessa prática para a comunidade, quais cânticos e rezas são utilizados e, dentre esses, quais são excelências; de que forma aprenderam e se há perspectiva de continuidade pelas gerações mais jovens. Para tanto, a pesquisa foi submetida e aprovada pelo conselho de ética sob o número 00593218.7.0000.8052. A coleta de dados e informações foram feitas por meio de entrevistas semiestruturadas e entrevistas/narrativas de acordo com a técnica da História Oral e foram gravadas em áudio visual. A figura abaixo mostra o itinerário da pesquisa e os pontos de coleta das informações no distrito pesquisado: Rajada (sede do distrito), Sítio Garça, Sítio Castanheiro, Povoado de Santa Fé, Povoado de Pau Ferro, Barreiro e Fazenda Altos.

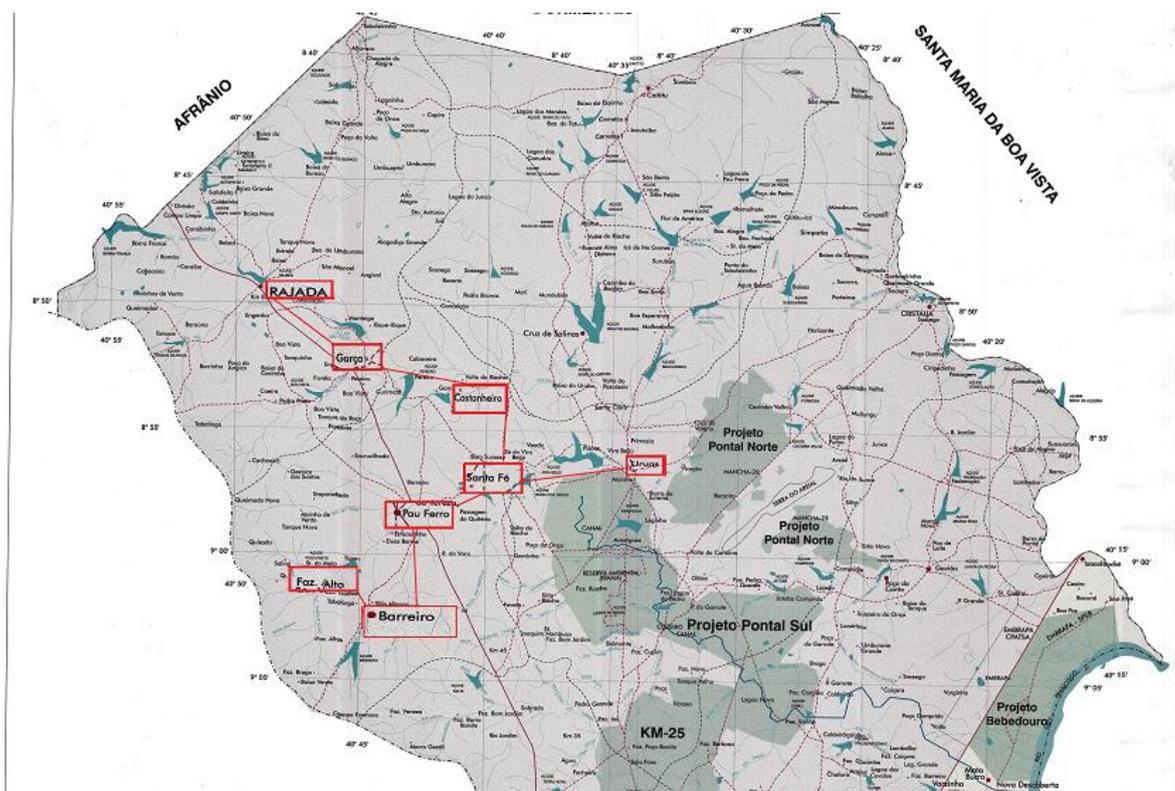


Figura 1: Abrangência da pesquisa

Fonte: Adaptado de mapa do município de Petrolina cedido pela CODEVASF

Entrevistada 1

Isabel Francisca do Nascimento (Bela), residente na sede do Distrito de Rajada, 72 anos, grau de instrução 4ª série, conta na entrevista que apenas quando convidada encaminha os ritos fúnebres, pois há muitas outras religiões e nunca se sabe se as pessoas vão gostar. Inicia sempre explicando aos presentes que aquele é um momento de oração em sufrágio pela alma da pessoa falecida. Destaca que o velório é composto por cânticos e pela reza do terço, diz que no sétimo dia é rezado um terço e que na visita são três terços. Ela afirmou que, nesses ritos fúnebres, também se reza ladainha, ofício e outras orações mais conhecidas. Disse não saber rezar excelências, apesar de tê-las conhecido na infância. Quando indagada sobre o que achava das excelências, respondeu que achava que “eles”(os defuntos) recebiam aquelas orações, sentindo falta da família, e que esse canto era “umas coisas penosa”. Acha que as gerações mais novas não se interessam por essas rezas.

Entrevistada 2

Ana Alves Neta de Amorim, residente na Fazenda Garça, Distrito de Rajada, 72 anos, grau de instrução 3ª série, pai e mãe com alfabetização mínima, é uma pessoa muito requisitada para

rezar nos velórios, no sétimo dia e em visita de cova. Disse que desde pequena gostava de brincar fazendo altar e brincando de rezar. Sabe algumas rezas de cor, outras por escrito. Afirma que, em velório, primeiro reza o terço, depois o ofício das almas, depois a ladainha, Salve Rainha, Senhor Deus e, por último, repouso eterno.

Para as visitas de cova, por serem mais longas, D. Ana mandou compilar as rezas e digitar de uma forma explicativa em um caderninho intitulado “ Livro de visitas das almas dos nossos parentes e amigos”. É com base nele que reza os três terços da visita. Há uma sequência nas rezas que compõem a visita, algumas parecem de origem popular, como, por exemplo, o canto de entrada “Alevanta pecador vamos fazer uma oração que é um remédio divino do sagrado coração [...]”, nele há marcas de oralidade e frases que parecem mais ligada ao catolicismo popular. Outras rezas mais refinadas na escrita, parecem mais ligadas à Igreja Católica Oficial, trechos como: “Dulcíssimo Jesus, pelo suor de sangue que derramaste no Horto das Oliveiras, tende piedade da alma de (fulano) se for aflita no purgatório [...]”.

Um trecho da ladainha das almas contém expressão em latim “Kyrie eleison, Kyrie eleison, Kyrie eleison, Kyrie. Deus pai celeste tende piedade dele(a), [...] Deus filho redentor do mundo, tende piedade dele(a) [...] Almas do purgatório, orai por ele(a).

Dona Ana diz que, antigamente, o que achava mais triste eram as excelências, hoje, o repouso eterno: “repouso eterno, dá-lhe senhor, “a luz perpétua o resplendor”. Disse que ainda existe quem reze excelência, mas são poucos, pois foram sendo substituídas por outros cantos. Ela só lembra de duas excelências, explica que são frases repetidas, em que se alteram na frase seguinte a numeração até chegar em doze.

Entrevistada 3

Julieta Roberta da Silva Santos, residente no Castanheiro, 74 anos, professora leiga aposentada, pais com alfabetização mínima, tem as rezas anotadas, porque disse esquecer. Afirma que nos velórios de antigamente não se rezavam os mesmos benditos das novenas e das missas, havia outros benditos específicos e, principalmente, entoavam as excelências de defunto; rezavam o ofício de Nossa Senhora depois da meia noite, prática que ela continua até hoje. No sétimo dia, reza-se o terço ou se manda celebrar uma missa. O terço de sétimo dia é para ser rezado de 11 às 12h. A visita de cova é para ser de 10h às 12h, são duas horas exatas de reza. A visita antigamente se rezava com um ano, mas, ultimamente, se tem feito diferente. Um dos ofícios rezados nas visitas de cova é o ofício das almas benditas: “Abrirei meus lábios em tristes assuntos para sufragar aos fieis defuntos...” D. Julieta sabe muitas excelências, inclusive as de criancinhas, sabe muitos benditos antigos também.

Entrevistada 4

Joventina Galvão, residente na fazenda Garça, 71 anos, grau de instrução 4º série, pai com alfabetização mínima, não soube informar sobre o grau de instrução da mãe que faleceu cedo. Afirma que aprendeu a rezar ouvindo, que ia a muitas novenas quando criança e adolescente e tem os caderninhos para amparar a memória. Afirma que era em um tempo de pouco estudo, pouco se tinha contato com papéis e era um privilégio pegar em um papel para rezar. Diz que nos velórios reza o terço, Salve Rainha e Pai nosso, oferecido para a pessoa falecida, ofício das almas, ladainha das almas. Ouviu excelências, mas não lembra mais. Destaca que estão morrendo os mais velhos e que os mais jovens não estão aprendendo as rezas, nem mesmo aquelas que não são de ritos fúnebres, as de atalhar fogo e de queimadura, por exemplo.

Entrevistada 5

Maria dos Prazeres Ferreira, moradora antiga de Santa Fé, atualmente residente em Uruás, professora leiga aposentada (Logos II), aprendeu a rezar ouvindo, depois é que passou a anotar. Diz que hoje é muito diferente de antigamente, o que as pessoas sentem pela morte, mas que antigamente tinha mais choro, rezava-se mais. Diz que, a maioria das pessoas, hoje, só cantam benditos de novena e de missa. Relatou que alcançou os enterros em rede e, posteriormente, os caixões feitos em casa e todo o processo difícil que era carregá-los ao cemitério. Lembra de excelências, inclusive algumas de criancinhas. Disse que já não faz mais visita de cova se não arrumar alguém para ajudá-la, porque é muito cansativo para ela fazer sozinha, posto que são duas horas de oração. Destacou como um canto muito triste dos rituais fúnebres o pranto de Nossa Senhora: “agora que ando cuidando do pranto da Virgem Maria, ela chorava, ela dizia quando seu filho brandia, pequei senhor, pequei [...], quem esse pranto rezar, quem ouvir, escutar, as portas do céu achará e as do inferno não verá”. Ela sabe algumas excelências, ratificou serem frases repetidas, em que se altera a contagem até 12. Ela diz que haviam algumas excelências específicas para criancinhas.

Entrevistado 6

José Evilásio Ferreira (Zé Grandão), residente em Pau Ferro, grau de instrução 4ª série, participou do programa da prefeitura intitulado professores leigos, pai alfabetizado, mãe analfabeta. Com o pai aprendeu as seguintes rezas: anjo de guarda, pai nosso, credo, ave maria, salve rainha, ato de contrição e eu pecador. O pai colocava para rezar todos os dias, ele e os irmãos.

As rezas de finado aprendeu por curiosidade, ouvindo as pessoas rezarem e se houvesse algum planfeto pegava para aprender. Foi o único dos entrevistados que lembrou da excelência “Uma excelência ganhou o paraíso, adeus irmão, adeus irmão, até o dia do juízo [...]” muito antiga

e que foi gravada por Dorival Caymmi. Assim como os demais destacou os ritos fúnebres como velório, terço de sétimo dia e visita de cova.

Entrevistada 7

Amália Maria Quirino (Malu), residente no Pau Ferro, alfabetizada, não indicou série, disse que não havia essa divisão por série em seu tempo de estudo, “se fazia o que podia”, pais analfabetos, aprendeu a rezar ouvindo. Sabe cantar excelências, afirmou que as excelências para os anjinhos deixaram de rezar mais cedo ainda, provavelmente, porque era muito triste, principalmente, para a mãe da criança.

Conta sobre uma crença que servia como premunição na hora do enterro, deu exemplo de que levaram um morador do povoado para ser enterrado e que tinha chovido, tinham que atravessar o riacho, uma das pessoas do cortejo levou uma queda, alguém disse que aquele que caiu morreria cedo, fato que mais tarde se constatou.

Frisou que as pessoas, de fato, velavam o defunto durante toda a noite e que rezavam e cantavam continuamente, às vezes, ao som do martelo preparando o caixão, essa informação sobre o feitio do caixão foi ratificada por outros informantes. Dona Malu disse que devido à idade, ajuda outras pessoas a rezar, mas não encabeça, porque é cansativo, principalmente, a visita de cova. Afirma que era lindo cantar aqueles benditos e excelências.

Entrevistada 8

Engracia Maravilha Barbosa dos Santos, residente na Fazenda Barreiro, 78 anos, alfabetizada, faz um relato emocionante sobre toda a dificuldade para se alfabetizar. E diz que as rezas aprendeu “de cabeça”. Quando indagada sobre qual reza achava mais triste durante o rito fúnebre, não elegeu nenhuma, disse que em situação de velório tudo é triste, mas que “o defunto quer é reza”. Afirmou que os caixões eram feitos durante os velórios e que a madeira usada era o tronco do mandacaru.

Diz que se o defunto desse trabalho no trajeto para o cemitério, se ele não quisesse ir, precisava levar uma surra. Essa crença parece ter existido em toda essa região, visto que outros informantes também a conhecem. Lembrou somente de duas excelências, disse que a memória já não estava mais ajudando, mas que antes sabia muitas.

Entrevistada 9

Maria do Socorro de Amorim, residente em Sítio Entrada, na Bahia, 58 anos, grau de instrução 5ª série, pais alfabetizados, aprendeu a rezar porque foi se interessando e, aos poucos, foi aprendendo. É muito requisitada para rezar as visitas de cova. Sabe várias excelências, mesmo sendo a mais jovem das entrevistadas. Ela reafirmou que as excelências são rezas antigas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa revelou que, além do velório, há a reza do terço de sétimo dia e a visita de cova como práticas ligadas aos ritos fúnebres numa ação decorrente de um catolicismo popular efetivada por leigos. Foram identificadas nove pessoas com um maior conhecimento na função de encaminhar esses ritos no Distrito de Rajada, são essas pessoas que, em geral, cumprem o percurso que vai do velório até a visita de cova.

Esses encaminhamentos marcam uma diferença entre a sede do município e o distrito pesquisado, pois na sede do município o “terço” e a “visita”, são representadas por missas de sétimo dia e de um ano respectivamente. No interior, no entanto, mesmo que se faça uma missa, um ato pode não ser excludente em relação ao outro. Além desse aspecto, observa-se mais interferência e envolvimento do leigo durante esse processo, há um protagonismo da comunidade em duas vertentes. Primeiro, na recepção das pessoas que chegam para qualquer um destes momentos (velório, terço de sétimo dia ou visita de cova), existem providências de ordem prática e a comunidade assume, auxilia na preparação de comidas para as pessoas que ali chegam. Numa outra vertente, há o encaminhamento do rito por meio das rezas e cânticos. No velório, segundo os entrevistados há uma ordem, mas não é rígida, reza-se o terço, depois o ofício de Nossa Senhora, depois a ladainha, Salve Rainha e Senhor Deus. É no velório que se rezam excelências. No entanto, os informantes se referem às excelências como algo antigo e em desuso.

EXCELÊNCIAS DO DISTRITO DE RAJADA- INTERIOR DE PETROLINA

Dos nove participantes, duas não lembravam das excelências, os outros sete lembravam, uns mais e outros menos, ao final contabilizou-se 14 excelências, as quais seguem descritas parcialmente, tendo em vista serem repetidas. Apesar de não haver repetição até 12 nas excelências 7,8 e 9, a informante disse ter certeza que são excelências.

Excelência 1

“Uma excelência a santa virgem da vitória,

rezai para essa alma que ela hoje vai se embora.
Ela hoje vai se embora, vai com dor no coração,
adeus meu povo todo, adeus meu irmão.
Duas excelências a santa virgem da vitória,
rezai para essa alma que ela hoje vai se embora.
Ela hoje vai se embora, vai com dor no coração,
adeus meu povo todo, adeus meu irmão [...]"

Excelência 2

" Um apóstolo irmão que ganhou o paraíso,
adeus irmão, adeus irmão até o dia do juízo
Dois apóstolo irmão que ganhou o paraíso ,
adeus irmão, adeus irmão até o dia do juízo [...]"

Excelência 3

"Tenho um rosário para nele eu rezar
mais Nossa Senhora quando lá chegar
Tenho dois rosários para nele eu rezar
mais Nossa Senhora quando lá chegar [...]"

Excelência 3

Lá vem a barra com a luz do dia ,
lá vem um anjo para sua guia,
lá vem um anjo para sua guia
Lá vem a barra com a luz do dia ,
lá vem dois anjos para sua guia,
lá vem dois anjos para sua guia [...]"

Excelência 4

"Tão bonito é o céu,
todo cheio de alegria,
lá não há noite nem sombra,
tudo é o claro dia.
Um anjinho vai me levando
lá para o céu de alegria,
lá não há noite nem sombra,
tudo é o claro dia
lá não há noite nem sombra,
tudo é o claro dia.
Dois anjinhos vão me levando
lá para o céu de alegria
lá não há noite nem sombra,
tudo é o claro dia,
lá não há noite nem sombra, tudo é o claro dia [...]"

Excelência 5

Minha mãe a sua benção vós queira botar (bis)
um anjinho que chama não pode esperar (bis)
não pode esperar por essa despedida (bis)
está chegando a hora da sua partida (bis)
Minha mãe a sua benção vós queira botar (bis)
dois anjinhos que chamam não podem esperar (bis)
não pode esperar por essa despedida (bis)
está chegando a hora da sua partida (bis) [...]

Excelência 6

“Lá vem a barra do dia ,
lá vem a barra do mar,
lá do céu vem um anjinho
para te acompanhar
Lá vem a barra do dia ,
lá vem a barra do mar,
lá do céu vem dois anjinhos
para te acompanhar [...]”

Excelência 7

“Sacrário aberto o senhor saiu fora,
acompanha esta alma que ela hoje vai embora.
Ela hoje vai se embora,
vai com dor no coração,
adeus meu povo todo,
adeus meu irmão.

Excelência 8

“Minha mãe não chore por mim,
nem por mim deve chorar,
quem bota um anjo no céu só deve se consolar”

Excelência 9

Minha mãe não chore por mim,
nem por mim devem chorar,
chore pelos que ficaram,
maior trabalho irão lhe dar.

Excelência 10

Uma excelência ganhou o paraíso,
adeus irmão, adeus irmão,
até o dia do juízo
Duas excelências ganharam o paraíso,
adeus irmão, adeus irmão,
até o dia do juízo [...]”

Excelência 11

Maria rezava um rosário de Jesus,
Maria se alumiava,
Maria com uma luz,
Maria se alumiava com uma luz
Maria rezava dois rosários de Jesus,
Maria se alumiava com duas luz,
Maria se alumiava com duas luz
Maria rezava três rosários de Jesus,
Maria se alumiava com três luz,
Maria se alumiava com três luz [...]"

Excelência 12

Uma excelência a senhor São Benedito,
rezada bem rezada,
pedida e bem pedida
Rogai por esse corpo que ele hoje,
vai-se embora
Duas excelência a senhor são Benedito,
rezada bem rezada,
pedida e bem pedida
Rogai por esse corpo que ele hoje,
vai-se embora [...]"

Excelência 13

"Uma excelência de Senhor São Benedito,
ele chorava,
ele chorava e soluçava,
os anjos se gloriavam
Duas excelências de Senhor São Benedito,
ele chorava,
ele chorava e soluçava,
os anjos se gloriavam [...]"

Excelência 14

Alegria, alegria quando desse mundo eu for,
pois na minha mão eu levo a imagem do senhor
do inferno eu não temo,
nem dele tenho pavor,
pois na minha mão eu levo a imagem do senhor
do inimigo eu não temo,
nem dele tenho pavor,
pois na minha mão eu levo a imagem do senhor
Alegria, alegria quando desse mundo eu for,
pois na minha mão eu levo a imagem do senhor
Os anjinhos estão me chamando
e pro céu alegre eu vou,
pois na minha mão eu levo a imagem do senhor
Alegria, alegria quando desse mundo eu for,
pois na minha mão eu levo a imagem do senhor [...]"

CONCLUSÃO

Existem ritos fúnebres ligados ao catolicismo português no interior de Petrolina, Distrito de Rajada. Algumas pessoas estão mais habilitadas a fazerem esse encaminhamento, são pessoas que, a princípio, nesse projeto chamamos de rezadeiras, porque entendia-se como uma prática de mulheres, no entanto, encontrou-se também uma pessoa do sexo masculino que desempenha esse papel.

A conclusão é de que, de fato, existe uma forma diferente de encaminhar ritos fúnebres no interior de Petrolina, Distrito de Rajada, e que os entrevistados já apontam mudanças em relação ao passado, a exemplo de que se rezava tal e tal reza e cântico, e agora não rezam mais, rezavam excelências agora não se reza mais. Isso observado endogenamente, mas, ainda assim, se mostra tradicional, com envolvimento maior da comunidade e de leigos, se comparado ao da sede do município.

Uma afirmação que perpassou todas as entrevistas foi a ênfase de que no passado se rezava durante toda a noite nos velórios, esse detalhe serve para exemplificar como a memória coletiva atua sobre a memória individual, por que todos afirmaram “a noite toda” e não o dia todo? A informação que advém dessa afirmação é de que os velórios eram longos, por essa razão isso fica marcado na memória coletiva.

Em um processo de extinção, estão presentes as excelências. Apesar de todos os entrevistados dizerem conhecê-las, duas dessas pessoas entrevistadas tiveram contato, mas com o passar do tempo já não lembram mais. A pesquisa revelou a existência de 14 excelências na memória desse grupo de entrevistados, esses cânticos ficaram registrados no registro áudio visual elaborado por este projeto de pesquisa.

Alguns entrevistados são alfabetizados minimamente, a forma de aprendizado das rezas, foi para a maioria deles pela oralidade, apenas Dona Isabel disse ter aprendido lendo. Mesmo quem tinha algum caderno de anotações, não tinha nenhuma excelência escrita, apenas outros cantos e rezas. Ficou perceptível estarem, as excelências, nesse repertório genuinamente pela oralidade e se mantem por essa mesma via, visto que não há como registrar o som por meio da escrita. A escrita, em alguns casos, serve como gatilho para lembrança, mas o som “guardado” é passado adiante, exclusivamente, por meio da oralidade. Esse processo de memorização, via oralidade, ocorre porque as excelências são curtas, têm frases repetidas, apresentam rimas e ritmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alberti, V. Manual de História Oral. 2ª ed. Rio de Janeiro, FGV, 2004.
Cascardo, L. C. Dicionário do folclore brasileiro. 8ª ed. São Paulo: Global, 2000
Cunha, E. Os Sertões. São Paulo: Três, 1984.

Caymmi, D. Velório. <https://www.lettras.mus.br/dorival-caymmi/356579/>. Acesso em 08/05/2021.

Halbwachs, M. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

Melo Neto, J. C. Morte e Vida Severina". Editora Alfaguara Brasil, 2009.

Ong. Walter Jackson. Oralidade e Cultura Escrita. Trad. Enid Abreu Dobránsky. São Paulo: Papyrus, 1998.

Ribeiro, A. C. A. A morte pede passagem": Ressuscitando lembranças dos ritos fúnebres em Russas -CE (1930-1962). www.uece.br/mahis/index.php/dissertacoes. Acesso em 20/12/2016.

Santana, M. H. M. Práticas simbólicas da fé: uma análise discursiva de mitos, ritos e prédicas da religiosidade popular. 2014. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e à Escola Doutoral da Université Stendhal – Grenoble 3 – Belo Horizonte, 2014

Suassuna, A. A pena e a lei. 4. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1998.